

As práticas de leitura das bibliotecas comunitárias como ferramentas para a educação literária na escola¹

Licenciando: Willams Alves dos Santos²

Dr. Clecio dos Santos Bunzen Júnior³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo evidenciar como as práticas de educação literária das bibliotecas comunitárias potencializam a educação literária nas escolas públicas. Logo, o presente trabalho evidencia duas ações realizadas por dois espaços de leitura (biblioteca comunitária Però e biblioteca popular do Coque), como a Bolsa Amarela e o Sussurro Poético. As duas práticas de leitura direcionam o olhar para a sensibilização do leitor e a humanização (CANDIDO, 2012), mostrando o quanto a educação literária pode ser feita não só nas ambiências da educação formal, mas também em espaços em que são fortalecidos pela própria comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Bibliotecas Comunitárias, mediação de leitura, educação literária, práticas de leitura.

ABSTRACT

This article aims to show how the literary education practices of community libraries enhance literary education in public schools. Therefore, the present work highlights two actions carried out by two reading spaces (Peró community library and Coque popular library), such as Bolsa Amarelo and Sussurro Poético. The two reading practices direct the gaze to the reader's sensitization and humanization (CANDIDO, 2012), showing how much literary education can be done not only in formal education environments, but also in spaces where they are strengthened by the community itself.

KEYWORDS: Community Libraries, reading mediation, literary education, reading practices.

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no âmbito da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 2 para a banca composta pelos professores Clecio dos Santos Bunzen Júnior (orientador) e Siane dos Santos Gois (examinadora).

² Estudante de licenciatura em letras português pela Universidade Federal de Pernambuco.

³ Professor Doutor da Universidade Federal de Pernambuco

O presente trabalho busca discutir as práticas de educação literária dentro das bibliotecas comunitárias como ferramenta de promoção da literatura como um direito humano (CANDIDO, 2012). O desejo de escrever acerca desses espaços democráticos de leitura partiu, em primeiro lugar, do meu contato direto trabalhando na biblioteca comunitária Però, situada em Jaboatão dos Guararapes-PE e de minha atuação enquanto mediador de leitura e articulador junto à Releitura-PE (rede de bibliotecas comunitárias de Pernambuco). Em segundo lugar, a partir de minhas vivências, percebi que, por mais que o trabalho dessas bibliotecas sejam uma luta constante visando à garantia do direito humano à literatura, ainda faltam visibilidade e políticas públicas que intensifiquem e potencializem o trabalho dos mediadores de leitura.

As bibliotecas comunitárias, nos diversos contextos brasileiros (ROSA; DUBEUX, 2015), nascem da necessidade de mecanismos democráticos de leitura dentro das comunidades de que elas fazem parte, haja vista que as bibliotecas escolares, públicas e universitárias, por exemplo, são espaços a que a população, sobretudo a periférica, muitas vezes, não tem acesso e/ou são instituições que prezam pela “lei do silêncio”, afastando, na maioria das vezes, as crianças desses ambientes. Nesse sentido, na ausência de ferramentas públicas que viabilizem não só o conhecimento, mas o lugar de pertencimento das comunidades carentes, é preciso que pessoas se juntem e criem, nos territórios periféricos, as bibliotecas comunitárias (GUERRA; LEITE; VERÇOSA, 2018).

Por este motivo, a Releitura-PE (rede de bibliotecas comunitárias de Pernambuco) fomenta o direito à literatura no estado de Pernambuco desde abril de 2007, por meio de eixos de trabalhos os quais inserem a comunidade nas tomadas de decisões e viabilizam uma gestão compartilhada, a fim de dar voz a todos os responsáveis pelos espaços de leitura e construir seus trabalhos a partir do enraizamento comunitário, fazendo articulações com agentes políticos e com as escolas municipais e estaduais de seu entorno. Desse modo, a Releitura torna-se uma ferramenta fundamental para as bibliotecas comunitárias, pois, além destas estarem articuladas em redes, essa rede de interesses é fundamental na busca pela sustentabilidade desses espaços, seja por meio de parcerias com projetos ou dentro das próprias comunidades e agentes sociais, os quais contribuem direta e/ou indiretamente para a permanência dessas bibliotecas.

Além disso, o trabalho com literatura nas escolas estaduais e municipais da rede pública de ensino se dá, na maioria das vezes, de forma historicista, ou seja, o professor de língua portuguesa, que é responsável por trabalhar gramática, redação e literatura, por ter que lidar com uma sobrecarga de conteúdo, acaba não tendo tempo para trabalhar a literatura sem que esta sirva de amuleto para as questões gramaticais. Isso limita o nosso conhecimento literário, posto que, “na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos.” (TODOROV, 2012, p.27). É nesse sentido que as bibliotecas comunitárias ganham seu espaço, uma vez que, por não ter que lidar com os conteúdos programáticos que é cobrado pelas redes de ensino, esses espaços de leitura entendem e prezam pela literatura como ferramenta que potencializa o conhecimento de mundo e dá autonomia ao leitor por meio de seu diálogo com a obra.

Portanto, busco, por meio deste trabalho, mostrar algumas das práticas que as bibliotecas comunitárias utilizam na promoção da educação literária das crianças, adolescentes, jovens e adultos atendidos pelos espaços de leitura. Assim, por meio da observação do trabalho dos mediadores de leitura, percebo o quanto a falta de políticas públicas e de assistência, muitas vezes da própria comunidade, dificulta o engajamento desses atores e torna precária a validação da literatura enquanto direito humano.

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é dar visibilidade às práticas de leitura das bibliotecas comunitárias e mostrar como esse trabalho, dentro de ambientes não escolares, fomenta o acesso à literatura e proporciona uma educação literária para as crianças e adolescentes que, muitas vezes, têm seus direitos negligenciados pelo poder público. Desse modo, apresentarei duas bibliotecas comunitárias que, com práticas de leituras diferentes, conseguem alcançar esse objetivo. A biblioteca Però, localizada em Jaboatão dos Guararapes-PE, que atende à comunidade que fica no entorno do Shopping Guararapes; e a biblioteca popular do Coque, situada em Recife e que, a partir do enraizamento comunitário, busca sanar a falta de assistência e de políticas públicas dentro da comunidade.

Assim, o trabalho se divide em três partes. Na primeira, falo sobre a educação literária e como essa perspectiva educacional dá autonomia e uma maior liberdade

ao indivíduo. Depois disso, discuto acerca das práticas de leitura realizadas pelas bibliotecas do Coque e do Perú e evidencio como o modo de lidar com a literatura se insere em diferentes olhares a partir da mudança de estratégias abordadas. Por fim, apresento o diálogo realizado por essas bibliotecas junto às escolas das redes públicas de ensino, para que seja percebida a importância das trocas desses ambientes educacionais no tocante à garantia do acesso e da educação literária para as crianças e jovens.

1 A EDUCAÇÃO LITERÁRIA DENTRO DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

As bibliotecas comunitárias são espaços independentes que permitem aos leitores uma autonomia em relação ao universo leitor, uma vez que, por meio de uma ambientação diferente das bibliotecas escolares, por exemplo, facilitam a interação das crianças, adolescentes, jovens e adultos com o acervo e lhes permitem aprender de forma lúdica e em contato com as múltiplas facetas do saber. Isso porque, ao adentrar nos espaços das bibliotecas comunitárias, o público leitor se depara com um ambiente vestido de tapetes coloridos, almofadas, estantes projetadas para que as crianças saboreiem os livros com uma maior liberdade, uma vez que estes estão ao seu alcance, e o mediador, que se encontra no espaço, faz a ponte entre a criança e o livro. Nesse sentido, as bibliotecas comunitárias, espaços de educação não formal, atravessam o outro por meio de uma educação literária que busca dar autonomia ao indivíduo tanto na escolha da obra que será lida quanto nas interpretações advindas do texto literário. Isso acontece porque é nesses espaços que o livro brilha e os sentidos construídos, a partir da leitura, perpassam o leitor, de forma que este não precisa de um "intérprete" ou da crítica literária que configura sentido à obra, mas constrói sentido diante de seu conhecimento advindo do mundo.

Nesses espaços de leitura, a liberdade do leitor, bem como sua compreensão daquilo que está sendo lido, é o combustível que garante a autonomia (FREIRE, 1996) desses indivíduos, dado que é nas mediações de leitura o momento em que o público, em sua maioria crianças e adolescentes, permite-se expor suas opiniões e indagar aquilo que foi compreendido por meio da leitura do texto, sem se preocupar com as taxações e limitações que, por vezes, emanam da crítica literária. Isso porque, para Freire:

temos que respeitar os níveis de compreensão que os educandos – não importa quem sejam – estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome da sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade. (FREIRE, 2003, p. 27).

Nas bibliotecas comunitárias, além de permitir que esses indivíduos vivam e reafirmem a identidade de sua comunidade local, o público, diante do contexto em que se insere, percebe a realidade tal como ela pode ser vista a seus olhos, uma vez que é por meio da literatura que conseguimos compreender o mundo não como ele é, mas como poderia ser (ARISTÓTELES, 1994), ou seja, o texto dá ao leitor possibilidade de criar e recriar as coisas. Por isso, as bibliotecas comunitárias acreditam que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p. 68). Nessa troca de saberes é que se constrói uma educação que reafirma o outro à medida em que ele é, também, um propulsor na construção desse conhecimento. Assim, é por meio da mediação e percepção do mundo que o mediador de leitura e o público interagem e enxergam as significações na busca pela educação.

Diante disso, e por tratar de assuntos que falem diretamente a nós, humanos, é que o espaço da mediação de leitura nos permite

Refletir sobre temas tais como beleza, vaidade, problemáticas como culpa, ciúmes, adultério, relativização dos gêneros dentre outros, por meio da ótica dos textos literários, possibilitará aos alunos a formação intelectual amplamente reflexiva, pois a abordagem dos comportamentos humanos em sociedade não será analisada por um único campo especificamente, como fazem a filosofia, a sociologia dentre outras ciências. (MENESES; CARMO; 2015, p. 70).

Dessa maneira, o público atendido pelas bibliotecas comunitárias consegue atravessados pelo ato mediador, construir e reconstruir as metáforas lançadas na leitura, posto que esse espaço não se faz julgador do conhecimento, mas instiga os leitores a metaforizar o seu diálogo com a obra à qual este foi conduzido, perpassando saberes e educando, de forma crítica e livre dos julgamentos postulados como certo ou errado, pois esses espaços de leitura acreditam que a educação literária se constrói na medida em que outro se torna intérprete e coautor do texto (ZILBERMAN, 2004). Assim, a mediação de leitura toma corpo e forma a partir do momento em que as crianças, adolescentes, jovens e adultos entendem e

se permitem ser protagonistas do livro que está sendo mediado, tendo em vista que as construções de sentidos são trocas entre o que está escrito ou o que é possível ler nas imagens dos livros ilustrados para crianças e jovens. Essa percepção textual só é possível quando os leitores se fazem “donos” do texto. Para isso, “é necessário que eles sejam analistas críticos, capazes de transformar, como vimos, os discursos e significações” (ROJO, 2012, p. 29). Entende-se assim que

Ler literatura é um direito de todos. Ter acesso a uma educação literária que priorize um modo de ler focado na recepção estética do texto, que chame a atenção do leitor para o que é distintivo no discurso literário e que aceite as ambiguidades e entrelinhas do texto, que valorize a vivência imaginativa, que situe o leitor como alguém que participa ativamente da construção de sentido. (ROSA; LEAL, 2015, p. 33).

Desse modo, as práticas de mediação de leitura, por exemplo, não visam à busca pelo certo ou errado, mas, antes, conferem ao leitor uma experiência estética da obra literária dando-lhe a liberdade de ler e interpretar a obra sem julgamentos por parte do mediador de leitura, uma vez que

a valorização da experiência estética, que confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação desse com o texto lido, enfatiza a ideia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com o seu destinatário. Pela leitura ele é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. Ignorar a experiência aí depositada equivale a negar a literatura enquanto fato social, neutralizando tudo que ela tem condições de proporcionar. (ZILBERMAN, 2004, p. 110).

Sendo assim, as bibliotecas comunitárias são espaços de educação literária que valorizam a recepção estética do leitor, sem afastá-lo do texto, mas, antes, aproximando-o da arte escrita, gráfica e imagética, dando-lhe autonomia na leitura e interpretação da obra, por meio de um espaço dinâmico em que a criança e o adolescente tomam suas decisões desde a retirada do livro no acervo até as conclusões daquilo que por eles são lidos, uma vez que o objetivo desse lugar de democratização da leitura é aproximar o leitor da literatura.

2 AS PRÁTICAS DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS QUE ENVOLVEM A EDUCAÇÃO LITERÁRIA

As práticas de leitura literária, bem como suas diversas manifestações nos espaços leitores, perpassam caminhos os quais olham para “dentro” do texto, na perspectiva de enxergar seu anverso. É assim que as bibliotecas comunitárias entendem o ato ler, não como um fenômeno que se manifesta na medida em que o professor dissecar conteúdos de suas respectivas disciplinas, mas que se concretiza em um ato político no qual o mediador de leitura apresenta o texto como uma oportunidade de diálogo com a vida, pois a literatura se dá no espaço de intersecção entre o leitor, o autor, o mediador e o mundo (LAJOLO, 1982). Sendo assim:

A evolução simultânea do ler está presente nos incentivos à leitura em diferentes segmentos sociais. Mas, posso garantir, são nas abrangências comunitárias onde percebo bibliotecas estimularem o desempenho da leitura na sua verdadeira essência de existir e persistir como forma para reverter, com sensibilidade, um quadro sociocultural. (NÉVES, 2018, p. 87).

Nesse sentido, é possível perceber o quanto os espaços das bibliotecas comunitárias diferem, muitas vezes, das bibliotecas escolares e/ou do ensino de literatura nas escolas, uma vez que a educação literária, a qual está presente nesses espaços, fomentam uma educação voltada para o ensino da história da literatura, afastando-se, pois, da apreciação estética e dos diálogos os quais são pertinentes estabelecer por meio da leitura de uma obra.

A partir disso,

Ao confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater, a literatura possibilita ao homem viver seus problemas de forma dialética, tornando-se um "bem incompressível", pois confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CÂNDIDO, 1995, p. 243).

Dessa forma, as práticas de educação literária dentro das ambiências mediadoras, das quais as bibliotecas comunitárias se utilizam, reforçam o caráter basilar da literatura, uma vez que esses espaços são agregadores e acolhedores e transportam o seu público leitor para a humanização por meio não só do contato direto com o objeto livro, mas a partir da relação com a qual o mediador de leitura apresenta a arte poética. Isso pode ser visto, por exemplo, em algumas das práticas

utilizada pela biblioteca popular do Coque⁴ (Recife, PE), a saber o **Sussurro Poético**, pois possibilita ao leitor não só uma experiência estante do poema que está sendo lido, mas, antes, estabelece uma harmonização, uma apreciação estética e um contato diferente com o mediador, que, como uma concha, transmite o som do mar aos ouvidos do leitor. As experiências utilizadas por esses espaços de leitura mostram o quanto esses diálogos, que cada vez mais chegam às escolas públicas, por meio da parceria com as bibliotecas comunitárias, ajudam a perceber a educação literária como uma prática que se afasta daquilo a que chamo de “pedagogizante”. Isso acontece porque, longe de ensinar o aluno a reconhecer as escolas literárias e/ou memorizar datas e autores importantes, nas mediações levadas pelas bibliotecas comunitárias, os estudantes conseguem viver e apreciar a literatura de outro modo, uma vez que reconhecem nessa arte a humanização e a aproximação que ela tem com a vida. Sendo assim:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo mais compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial na escola (COSSON, 2006, p. 17).

Diante disso, as mediações de leitura realizadas pelas bibliotecas comunitárias nas escolas que se encontram em seu entorno têm um papel especial e de formação basilar, pois garantem às crianças e aos jovens uma reflexão do lido por meio de práticas diversificadas. No livro, “O pato, a morte e a tulipa”, de Wolf Erlbruch, por exemplo, o mediador garante, não só por meio do texto, mas em consonância com as imagens que lhe são apresentadas, uma reflexão acerca da vida e morte a qual dialogam com a realidade humana. Nesse diálogo, texto verbal e imagens (texto visual) se completam, a fim de apontar para a essência da vida e fazer com que esses leitores percebam a importância de viver um dia de cada vez. Tal prática, como de costume nesses espaços, visa à apreciação estética sem preocupações com as “taxações de certo e errado” que, muitas vezes, são colocadas na sala de aula, mas, antes, busca dialogar com o leitor sobre os sentidos do próprio texto.

⁴ Situada no Coque, em Recife, a biblioteca popular do Coque existe há mais de 15 e busca, por meio da articulação e incidência política, transformar a realidade dos moradores a partir do incentivo à leitura e à cultura, rompendo estigmas relacionados à comunidade.

Para falar sobre as práticas de educação literária das bibliotecas comunitárias dentro da ambiência mediadora, mantive o foco em duas ações, realizadas pela biblioteca Però e biblioteca popular do Coque (a Bolsa Amarela e o Sussurro Poético), visando a entender de que forma elas impactam a vida desses indivíduos e estabelecem um maior contato com o livro e a literatura. Assim, atendo-me à “Bolsa amarela”, ação realizada pela biblioteca Però (situada em Jaboatão dos Guararapes – PE); e, como já foi dito, ao “Sussurro Poético”, realizada pela biblioteca popular do Coque (situada em Recife – PE).

2.1 Bolsa Amarela

O livro *Bolsa Amarela* (1976), de Lygia Bojunga Nunes, conta a história de Raquel, uma menina de 10 anos, que tem um conflito consigo mesma a partir de três vontades que ela esconde dentro de uma bolsa: a vontade de crescer, a de ser garoto e a de se tornar escritora. O livro reflete o modo pelo qual, muitas vezes, as crianças são tratadas, sem que haja um respeito acerca de suas próprias vontades, uma vez que Raquel não possui muita voz dentro de seu espaço familiar e, por isso, sua vontade de crescer nos leva a pensar sobre o papel da criança a partir da ótica de um ser que deve ser respeitado. O desejo de Raquel de ser menino vem do conflito em que ela percebe o papel social que este desempenha e como a sociedade dá total liberdade para esses indivíduos, ou seja, eles podem “tudo”, ao passo que ela, por ser garota, é tolhida de fazer algumas atividades, como “jogar uma pelada”. Por fim, a vontade da Raquel de ser escritora perpassa o seu estar no mudo, haja vista que esta deseja escrever sobre suas vivências e acerca de seus sentimentos.

Diante dessa história fabulosa e ao mesmo tempo encantadora, a biblioteca Però⁵, por meio de seu programa intitulado *Histórias Andantes*, criou a Bolsa Amarela, uma bolsa em que os alunos da instituição colocam dentro dela livros literários e um tapete de mediação de leitura. A ideia do projeto é fazer com que as crianças e os jovens atendidos pelo espaço sejam também mediadores, uma vez que possibilita a esses indivíduos o contato direto com o espaço da mediação e os permitem ser mediadores em meio aos seus amigos e familiares. Diante disso, tal

⁵ Localizada em Piedade, Jaboatão dos Guararapes-PE, a biblioteca Però existe desde 2010 e fica situada dentro do Instituto social do shopping guararapes, Instituto Però.

prática é fundamental para a educação literária dessas crianças, dado que elas passam a ser a ponte entre o livro e o espectador, o que fomenta o desenvolvimento crítico, haja vista que é preciso não só uma mera leitura da obra, mas um trato interpretativo daquilo que esta será lido e compartilhado entre as pessoas que participarão da mediação. Esse preparo já se dá na ambiência da própria biblioteca, quando o mediador de leitura explica para essas crianças o que será preciso antes do ato mediador. É por meio desse intercâmbio que a criança percebe a importância da mediação e confere a si mesma essa responsabilidade de “atravessar” o outro por intermédio da literatura.

Figura 1 - Imagem da Bolsa Amarela



Fonte: acervo biblioteca Perú

Assim, o projeto Bolsa amarela dá total autonomia a esses indivíduos, pois o processo de amadurecimento acontece todos os dias, a medida em que esses sujeitos entendem a sua posição no mundo e dialogam com ele, construindo saberes. Daí, entende-se o pensamento de Paulo Freire, uma vez que

Diante disso, a Bolsa Amarela, carregada de histórias, pede licença e entra nas casas das famílias atendidas pelo Instituto Perú e se transforma em uma viagem pelo tempo. As crianças são os guias que levam seus familiares a terem contato com a literatura e desenvolverem valores positivos e ações leitoras nos lares, isso porque o papel do mediador de leitura é também o de formar novos leitores. Nessa perspectiva, sabendo que muitos familiares desses alunos não tiveram acesso à literatura, a Bolsa Amarela funciona como uma faca de dois gumes, pois, à medida em que as crianças são afetadas pela literatura, tanto nas mediações realizadas

pelo espaço da biblioteca Però quanto pela sua postura mediadora, os seus familiares também têm a oportunidade de vivenciar a experiência de se encantar por meio das histórias trilhadas na voz leitor/mediador. Dessa maneira, é estabelecida a autonomia, dado que a criança possui voz e liberdade de fazer do momento da mediação o espaço de tomada de decisão e de responsabilidade com o livro e o ouvinte.

Dessa forma, cria-se um elo entre o ato de ler, haja vista que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 2003, p. 11), ou seja, o momento da mediação de leitura também implica a relação que se estabelece com o contexto em que a criança está inserida, dado que as intervenções e modo de leitura serão postulados a partir das construções de sentidos estabelecidos por ela (ZILBERMAN, 2004). Portanto, podemos pensar a Bolsa Amarela como uma árvore, sendo as sementes o que está dentro dela, isto é, os livros que as crianças carregam, e essas sementes se transformam em plantas quando esses mediadores levam para dentro de sua casa a leitura de uma dessas obras, a qual penetra o ser de seus familiares, sendo germinada e transformada em árvores leitoras, as quais farão da experiência mediadora um afago de memórias, dando frutos mais doces e sendo humanizados pela literatura.

Essas ações de mediação de leitura carregam preceitos das bibliotecas comunitárias, pois ficam suas raízes no enraizamento comunitário, posto que permitem que o espaço da biblioteca seja móvel e circule por dentro das comunidades, trazendo múltiplos saberes e, muitas vezes, as histórias mediadas dialogam com os contos que circulam nessas localidades. Assim, “as bibliotecas também consolidam suas raízes locais quando mobilizam mediadores e criam redes de voluntários que desenvolvem regular ou esporadicamente ações de mediação de leitura nas bibliotecas comunitárias” (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA; 2018, p. 127) *ou fora delas* (grifos meu). Deste modo, o leitor experiencia o ato mediador e toma para si a responsabilidade de levar a literatura e fazê-la circular, garantindo que o livro seja um objeto democrático e que o direito à literatura seja assegurado (CANDIDO, 2012).

1. 2.2 Sussurro poético

Assim como o vento perpassa a folha de uma árvore, a biblioteca popular do Coque (Recife, PE) confere aos seus leitores a mesma experiência a partir do Sussurro Poético. Isso é feito por meio de um tubo, que pode ser confeccionado em papelão, em que o leitor, com uma poesia em mãos, sussurra, como que no balançar das ondas do mar, as palavras no ouvido do outro. É possível, assim como ao colocarmos uma concha nos ouvidos, ouvir o afago sonoro que nos é transmitido. De maneira doce e peculiar, sentimos as vibrações dos lábios do mediador de leitura e conseguimos, além de uma percepção imagética, ou seja, construir e perceber as imagens que estão sendo ditas, ter também uma percepção sensorial, em que o toque, a vibração das palavras, a suavidade sonora nos abraça, e nos sentimos acolhidos pela poesia que emana da boca do leitor. A Figura 1 mostra a leitura de um poema por meio do sussurro poético.

Figura 2 - Sussurro Poético



Fonte: acervo Releitura-PE

Essa experiência literária é um contato único com a literatura, não porque esta está sendo dita de outra forma, mas por permitir ao leitor uma percepção do real e do imagético diretamente com o outro, pois constitui uma leitura em que o ouvinte depende daquele que lê, e essa leitura só existe e se faz significativa à medida em que há uma entrega entre esses canais de informações. Assim, o leitor precisa colocar sentido não só naquilo que está lendo, mas trazer outras dimensões de

leitura ao ouvinte pelo próprio ato de sussurrar, sem que as significações de suas palavras sejam diluídas, mas, antes, se configurem no entrelaçar dos lábios. Esse sussurro, palavra que vem do latim FLANGERE (quebrar, romper, partir), é um rompimento da própria linguagem poética, uma vez que esse foco de atenção, por parte do ouvinte, diferentemente do que ocorre com a leitura mediada ou silenciosa, evidencia uma quebra de expectativa, na medida em que a própria fala chega ao outro de forma ritmada como no balançar dos galhos de uma árvore.

Essa experiência, que transborda sensorialidade, é partilhada nas ruas, na biblioteca, nas escolas municipais e estaduais da comunidade, nos encontros com outras bibliotecas comunitárias. É como se o mar coubesse na boca do mediador, pois a cada sílaba soada uma nova onda de sentido é construído, e a poesia que está sendo dita se transforma em uma vivência multifacetada que se assemelha ao poema “Contranarciso” de Paulo Leminski, haja vista que o outro é o mediador e ao mesmo tempo o ouvinte, pois o ato da mediação em si só existe na medida em que um se transforma no outro, visto que “o poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem.” (PAZ, 1982, p.17).

Nesse sentido, é possível ao ouvinte, além dessa metáfora sensorial, ter uma percepção diferente da poesia e do texto literário que está sendo percorrido por meio do tubo poético, dado que o vai e vem das palavras configura-se um saber que se constrói a depender não apenas do lido, mas da forma com a qual o mediador de leitura insere o leitor nas ondas das palavras. Essa mediação sensorial perpassa os sentidos que se constrem por meio das palavras, tendo em vista que o leitor é convidado a estar presente de forma mais atenta, para que não haja ruídos naquilo que está sendo transmitido aos ouvidos do leitor. Dessa maneira, “o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere.” (CANDIDO, 2012, p. 27). Assim, a forma com a qual é feito o Sussurro Poético estabelece no leitor/espectador uma dimensão do ato mediado, posto que as percepções sonoras se perfazem a partir da intersecção com a dinâmica da mediação.

Dessa maneira, “intrínseca à Literatura e à Poesia, a metáfora faz do texto literário um instrumento que coloca o leitor em situações de *conflito cognitivo*, isto é, em circunstância de reorganização de conhecimento do mundo.” (LIMA, 2014, p. 67). Esse conflito cognitivo, estabelecido a partir do Sussurro Poético, toma a atenção do leitor para o entendimento e compreensão da metáfora, transformando

os signos em sentidos. A figura 2 mostra uma ação do Sussurro Poético feita na comunidade.

Figura 3 - Sussurro na comunidade



Fonte: acervo Releitura-PE

Essa metamorfose poética é uma degustação de sentidos, posto que expressa aquilo que a literatura se propõe a ser em seu mais sensível estado, transformando a realidade metafórica em desequilíbrios, pois:

A respeito do texto poético, sabemos que quanto mais distante da denotação, quanto mais metafórico, mais poético será. Isto quer dizer que a poesia trabalha com ressignificações porque a metáfora, em suas incessantes (re)organizações de conceito e conteúdo, cria *conflitos cognitivos* ou *desequilíbrios* gerando novos equilíbrios. (LIMA, 2016, p. 22).

Desse modo, a experiência do Sussurro Poético é, para o ouvinte, esse constante conflito e desequilíbrio de sentidos, dado que a ressignificação da palavra não se limita ao nível do texto, tendo em vista que são despertadas no leitor/ouvinte outras sensações, o vai e vem da onda “labiada” e sussurrada pelo leitor, que como

um vento ultrapassa o tubo e abraça os ouvidos daquele que experencia essa metamorfose poética.

3 O DIÁLOGO DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS COM AS ESCOLAS

As bibliotecas comunitárias, que fazem parte da rede de bibliotecas comunitárias, Releitura-PE, realizam parcerias com as escolas municipais e estaduais da região metropolitana do Recife. A ideia é levar um pouco desses espaços de leitura para dentro das redes públicas de ensino e, por meio das trocas, proporcionar ao estudante uma experiência diferente da desenvolvida pela escola, além de apresentar a biblioteca como um espaço pertencente à comunidade. Nesse sentido, as parcerias estabelecidas com as escolas são muito importantes para que as bibliotecas comunitárias territorializem as suas práticas e promovam enraizamento comunitário a partir do compartilhamento de saberes. Percebe-se, pois, que as bibliotecas escolares são, em grande parte, um acúmulo de livros e o lugar do silêncio, uma vez que, em muitas delas, faltam bibliotecários e os alunos são, muitas vezes, impedidos de levarem livros para casa.

Dessa forma, a relação que as bibliotecas comunitárias estabelecem com essas escolas serve para que essas trocas ajudem o professor e o profissional que trabalha na biblioteca a perceber o espaço como um instrumento de conhecimento, além de entender esse lugar como um mecanismo vivo, em que o estudante não é um ator passivo, mas antes dialoga e interage com o espaço visando à construção de uma educação literária.

Além disso, essa troca é fundamental para o crescimento das bibliotecas comunitárias, uma vez que esse olhar para dentro da escola e as conversas com professores e coordenadores fazem com que o mediador de leitura valorize as práticas realizadas pela comunidade escolar e potencialize estas nas bibliotecas comunitárias, uma vez que essa partilha permite ao mediador de leitura perceber a escola não como um lugar “estanque” do conhecimento, mas que busca promover, mesmo com poucos recursos, muitas vezes, uma educação literária. Assim, essa atividade de enraizamento,

Além de promover o vínculo entre a biblioteca e a comunidade, possibilitam o fortalecimento de cada biblioteca em seu solo-território, garantindo trocas

de experiências e informações que também potencializam as ações da rede de leitura. O fortalecimento do enraizamento comunitário amplia o envolvimento da biblioteca com outras lutas locais, como educação, moradia, saneamento básico e outros. (ANDRADE; SILVA; SOUSA, 2018, p. 102).

Nessa perspectiva, esse diálogo com as escolas municipais e estaduais se perfaz em um ato político, na medida em que “a presença da literatura na escola pode contribuir decisivamente para a formação não de escritores, como sugere Fernando de Azevedo, mas de um público leitor.” (LAJOLO, 1982, p.29). Nesse sentido, a inserção da mediação de leitura nesses espaços promove não só a formação de leitores, mas, também, de mediadores, uma vez que a distribuição dos livros no tapete e o convite da literatura ao leitor é nítido nessas rodas de literárias, posto que as crianças se encantam com diversidade de histórias e isso se concretiza no olhar fixado quando o mediador de leitura narra os contos infantis para o seu público.

Portanto, o diálogo das bibliotecas comunitárias com as escolas da rede pública de ensino é fundamental na formação do mediador de leitura, uma vez que o conhecimento advindo dos professores e as outras maneiras de promover a educação literária é o fio condutor que faz com que os responsáveis por esses espaços de leitura possibilitem outras ferramentas de contato com o seu público e dialogue com a comunidade. Essa interface acontece não só na mediação de leitura e das práticas literárias, as quais as bibliotecas comunitárias promovem, mas também pelo intercâmbio, o qual é o principal responsável pela construção de conhecimento dos estudantes dentro dos espaços escolares. Dessa maneira, é na mediação de leitura que o texto literário ganha corpo e voz e as atividades que, muitas vezes, antecedem este ato de ler, como o varal de poesia, ação em que os poemas de cordel são estendidos em um varal da mesma forma que fazemos com as roupas, atraem o leitor para a leitura, haja vista que este se torna o protagonista, o responsável pela condução do texto.

Assim, entende-se que o contexto da mediação é basilar na formação de uma educação literária, pois as ações que antecedem o ato mediador dão ao aluno a possibilidade de escolher o que irá ler e perceber o acervo que está sendo colocado para ele. Isso porque a preparação para mediação de leitura se dá na construção de

um espaço acolhedor e que respeite a autonomia da criança e do adolescente, uma vez que a biblioteca comunitária é um lugar de troca, de pertencimento, de se entender enquanto mediador de sua própria leitura, haja vista que

A biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto (FREIRE, 2003, p.33).

Diante disso, esses compartilhamentos de saberes que envolvem as práticas de leitura das bibliotecas comunitárias e as atividades que acontecem nas escolas são fundamentais para que o aluno conheça outras formas de acessar a leitura literária e perceber que esses espaços de leitura são ferramentas políticas e de pertencimento. Nesse sentido, as rodas de mediação de leitura nos ambientes escolares potencializam o diálogo com a comunidade por meio não só dos alunos, mas também com os professores e os funcionários das escolas, o que mobiliza a comunidade escolar ao enraizamento comunitário. É por meio desta troca que o mediador de leitura apresenta a obra literária aos que participam da mediação, e os leitores vão interagindo com o livro por meio da história, poesia a qual está sendo contada e/ou por meio da imagem que se adequa ao texto e vai construindo sentido ao leitor. A Figura 4 mostra uma Mediação de leitura realizada na escola municipal Nossa Senhora Aparecida em Jaboatão dos Guararapes em março de 2019.

Figura 4 - Mediação de leitura



Fonte: acervo Biblioteca Comunitária Perú

CONCLUSÃO

Portanto, percebe-se a importância das bibliotecas comunitárias na garantia do acesso à leitura, ao livro e à literatura como um direito humano, haja vista que as trocas realizadas dentro e fora das escolas municipais e estaduais permitem pensar estratégias para melhor promover às crianças e aos adolescentes uma educação literária que busque dar autonomia para esses indivíduos, a fim de fomentar a construção do saber de forma crítica-reflexiva. Por isso que esses espaços de leitura são essenciais para que sejam formados leitores ávidos ao conhecimento, e essa relação estabelecida com as escolas ajudam o enraizamento comunitário e traz a percepção do espaço escolar como uma dinamização da leitura literária. Assim, é necessário que o Estado dê uma maior atenção para essas redes de leituras, por meio de políticas públicas que garantam a sobrevivência das bibliotecas comunitárias e valorize o trabalho dos mediadores, e a sociedade se engaje cada vez mais nessa luta pela democratização e garantia do direito humano à literatura.

Isso porque é por meio das bibliotecas comunitárias que muitas crianças e jovens conseguem ter acesso ao livro e à literatura de qualidade, uma vez que o preço desses produtos no país são muito altos e falta, nas escolas, muitas vezes, o incentivo e a garantia do acesso ao livro. Nesse sentido, fica claro o papel social desses espaços de leitura, pois, mesmo com pouco recurso financeiro, são fundamentais na busca pela diminuição das desigualdades, haja vista que há, nas comunidades em que as bibliotecas se encontram, uma invisibilidade por parte do Estado, além dos estigmas associados à periferia como um local sem credibilidade e de pouca cultura. Entretanto, as bibliotecas comunitárias rompem com esses preconceitos e mostram, por meio da cultura literária, que são nas periferias desse país os locais em que há mais leitores, posto que, mesmo com a ausência do poder público nas comunidades, as crianças e os adolescentes encontram nos cantinhos de leitura um lugar em que é possível se permitir sonhar. Assim, é preciso olhar para as bibliotecas comunitárias como um mecanismo vivo, em que suas práticas de leitura literária promovem o conhecimento e dão ao leitor a oportunidade de ver e conhecer o mundo por meio da literatura.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**; ilustrações Marie, Louise Nery. 36.ed., 2ª reimpr. – Rio de Janeiro: 2020.

CÂNDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 3ªed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, RILDO. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006. Foi pouco usado.

DUBEUX, M.H.S; ROSA, E.C.S. (ORGS). **Abriu-se a biblioteca... mitos, rimas, imagens, monstros, gente e bichos: literatura na escola e na comunidade**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2015. Foi pouco usado.

ERLBRUCH, Wolf. **O pato a morte e a tulipa**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil / Carlos Honorato, Claudileude Silva, Julia Guarilha... [et al.]; Organização Adriano Guerra, Camile Leite, Érica Verçosa. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A; Itaú Social, 2018.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Eliza, ROSA, Ester; colaboração: LEITE, Camila; BANDEIRA, Carmen Lúcia; DUBEUX, Maria Helena. **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: CCFL;Brasil: RNBC, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 44. Ed. São Paulo, Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

LAJOLO, Marisa Philbert. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LIMA, Aldo de (org). **A propósito da metáfora**. Recife: Editora UFPE, 2014.

LIMA, Aldo de (org). **O direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

LIMA, Aldo J. R. de. **Letramento poético no ensino fundamental**. Recife: Ed. FASA, 2016.

MENESES, Meiryelle Paixão; CARMO, Anaximandro Alessandro Lélis. **Formação de leitor de textos literários pelo olhar de gênero**. São Cristóvão : Editora UFS, 2015.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Poética. Tradução, prefácio, introdução, comentários e apêndice de Eudoro de Souza. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1994.

ROJO, Roxane Helena. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Editora Ática, 2004.